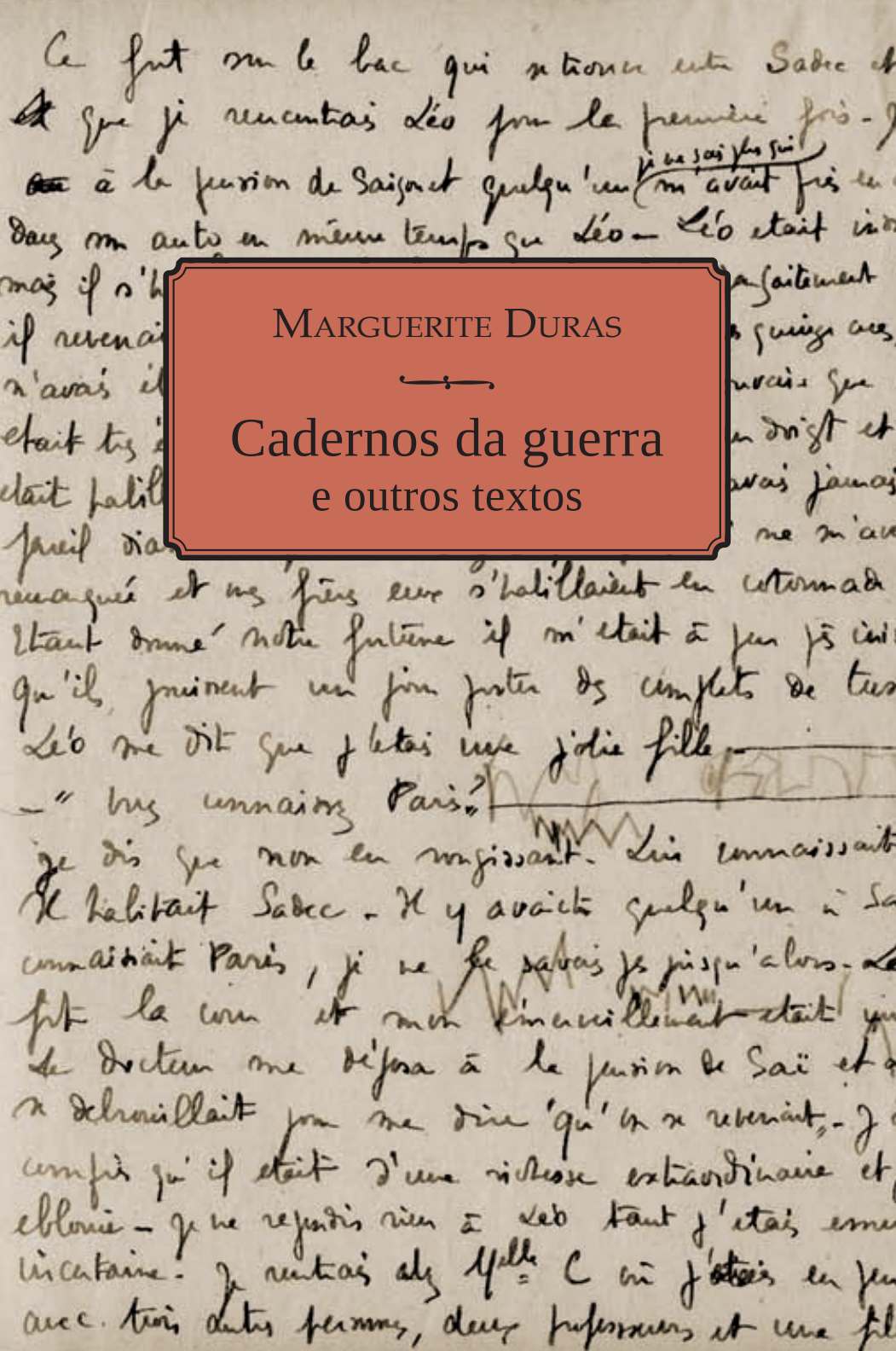


MARGUERITE DURAS

Cadernos da guerra

e outros textos

Marguerite Duras

Cadernos da guerra
e outros textos

Edição organizada por
Sophie Bogaert e Olivier Corpet

Tradução de
Mário Laranjeira

Título original: *Cahiers de la guerre et autres textes*
© P.O.L Editeur / Imec Editeur, 2006
© Editora Estação Liberdade, 2009, para esta edição

Tradução dos índices	Flávia Cesarino Costa
Preparação e revisão	Graziela Marcolin e Leandro Rodrigues
Composição	Johannes C. Bergmann / Estação Liberdade
Imagem de capa	Páginas iniciais do "Caderno rosa marmorizado". Acervo Marguerite Duras / Imec
Editores	Angel Bojadsen e Edilberto Fernando Verza

Este livro, publicado no âmbito do programa de participação à publicação carlos drummond de andrade da embaixada da França no brasil, contou com o apoio do ministério francês das relações exteriores e europeias

Cet ouvrage, publié dans le cadre du programme d'aide à la publication carlos drummond de andrade de l'ambassade de france au brésil, bénéficie du soutien du ministère français des affaires étrangères et européennes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D955c
Duras, Marguerite, 1914-1996
Cadernos da guerra e outros textos / Marguerite Duras ; edição estabelecida por Sophie Bogaert e Olivier Corpet ; tradução Mário Laranjeira. – São Paulo : Estação Liberdade, 2009.
il.

Tradução de: Cahiers de la guerre et autres textes
ISBN 978-85-7448-156-2

1. Romance francês. I. Bogaert, Sophie. II. Corpet, Olivier. III. Laranjeira, Mário IV. Título.

09-1483. CDD: 843
CDU: 821.133.1-3

Todos os direitos reservados à

Editora Estação Liberdade Ltda.
Rua Dona Elisa, 116 | 01155-030 | São Paulo-SP
Tel.: (11) 3661 2881 | Fax: (11) 3825 4239
editora@estacaoliberdade.com.br
www.estacaoliberdade.com.br

Sumário

Prefácio 11

Nota sobre a transcrição 17

CADERNOS DA GUERRA

Caderno rosa marmorizado 29
Caderno Presses du XXe siècle 139
Caderno de cem páginas 179
Caderno bege 209

OUTROS TEXTOS

A infância ilimitada 309
Narrativas
- Bailarinas cambojanas 325
- "É a senhora, irmã Marguerite?..." 329
- O horror 335
- A Bíblia 343
- Os pombos roubados 347
- Eda ou as folhas 355

Índice remissivo 371
Índice 375

Para a organização desta edição, agradecemos inicialmente a Yann Andréa e Jean Mascolo, que a autorizaram e encorajaram; a Jean Vallier, que nos ajudou na datação e na contextualização biográfica dos textos; e a todos os colaboradores do Imec que acompanharam este trabalho.

Prefácio

Uma obra sem restos: nada do que Marguerite Duras escreveu ficou ao abandono. Personagens, lugares, motivos, circulam de um texto para outro e ecoam entre si; as sobras abandonadas de um manuscrito são retomadas no seguinte, integradas a uma nova composição. Numa palavra, todo o arquivo é passado para a obra. E quando chegam ao Imec, em 1995, os "papéis" de Marguerite Duras produzem esse mesmo efeito sobre aqueles que os descobrem e se encarregam de classificá-los. Os manuscritos de cada uma das obras, por mais diversos que sejam às vezes pelo aspecto, não parecem, como muitas vezes acontece, um acumulado de peças desconexas — mas sim um conjunto em que tudo é coerente, que parece produzido num só fluxo de escrita.

Em meio à riqueza desses arquivos, destacam-se do conjunto os Cadernos da guerra. *Esses quatro pequenos cadernos (que fazem parte das peças mais antigas) foram conservados num envelope no qual a própria Marguerite Duras os havia reunido sob essa denominação, que escolhemos como título. Constituem, de fato, um conjunto homogêneo: a unidade material estabelecida por Marguerite Duras explica-se por sua coerência cronológica e temática, visto que todos foram redigidos durante a Guerra e logo depois dela, entre 1943 e 1949, e que, em proporções diversas, todos evocam esta época crucial da vida da escritora.*

O primeiro caderno, além de uma longa narrativa autobiográfica que retrata a infância e a adolescência na Indochina, contém esboços do que viria a ser Barragem contra o Pacífico *[*Un barrage contre le Pacifique*], assim como as primeiras versões das primeiras narrativas que Marguerite Duras publicará, muitos anos mais tarde, na coletânea* A dor *[*La Douleur*].*[1] *Os dois cadernos seguintes, quase totalmente consagrados à versão original de* A dor*, ficaram famosos pelo preâmbulo, em que a autora evoca, em 1925, os "armários azuis de Neauphle-le-Château", onde ela os teria esquecido. No último caderno, finalmente, os esboços de romances futuros (*Le Marin de Gibraltar *[O marinheiro de Gibraltar]*, Madame Dodin*...) são entrecortados por longos textos autobiográficos em que o cotidiano da rua Saint-Benoît no pós-guerra se mescla com os exercícios de uma escrita ficcional que faz suas primeiras investidas. Os dez "outros textos" inéditos apresentados no fim do volume, escritos mais ou menos na mesma época dos* Cadernos*, constituem documentos essenciais para esclarecer esse período de transição que vê Marguerite Donnadieu se tornar Marguerite Duras.*

No plano biográfico, o interesse dos Cadernos da guerra *é considerável; a atenção muito particular que dois biógrafos de Marguerite Duras lhes dedicaram é prova disso.*[2] *Nesse sentido, a presente edição permite ler, em sua totalidade, textos que ainda não haviam sido citados senão parcialmente; e, em especial, verificar que neles não se encontra, a bem dizer, um diário íntimo, ainda que a redação siga de perto os acontecimentos relatados em* A dor.[3]

1. *La Douleur*, Paris: P.O.L., 1985. [Ed. bras.: *A dor*, trad. Vera Adami. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.]
2. Laure Adler, *Marguerite Duras*, Paris: Gallimard, 1998; Jean Vallier, *C'était Marguerite Duras*, Paris: Fayard, 2006.
3. Se a própria Marguerite Duras, no preâmbulo, designa seu texto como "Diário", também escreve nele que "não [lhe] parece imaginável tê-lo escrito durante a espera de Robert L." Declara igualmente a Marianne Alphant, em *Libération*,

Esses cadernos têm para a própria Marguerite Duras um estatuto de exceção, e a evocação deles aparece de maneira recorrente em sua obra. Depois de ter publicado certos trechos numa revista em 1976, ela os menciona em Les yeux verts *[Os olhos verdes], em 1980*[4]*; e, no preâmbulo de* A dor*, ela chega a designar "aquela coisa que não sabe ainda denominar e que [a] espanta quando relê."*

Numerosas narrativas aqui publicadas tocam, de fato, em acontecimentos centrais, e muito provavelmente fundadores, de sua existência (a morte de seu primeiro filho e do irmão; suas atividades na Resistência; a deportação e a volta de Robert Antelme; o nascimento de seu filho Jean, etc.), e já se veem aí esboçadas as figuras primordiais de sua obra (sua mãe, os irmãos, o primeiro amante, etc.). Entende-se facilmente que esses textos ocupem, a seus próprios olhos, um lugar único e capital.

Mas, de maneira ainda mais gritante, é sob o ponto de vista literário que esses textos são preciosos. Pois, se grande parte dos Cadernos *é constituída por esboços retomados mais tarde, eles não são nem simples bosquejos nem croquis imperfeitos: é surpreendente constatar, por exemplo, que o trabalho realizado por Marguerite Duras para estabelecer o texto de* A dor *é um trabalho de formalização que não atenta nem contra a linearidade do esboço nem contra a espontaneidade vivaz, por vezes brutal, que faz toda a*

a 17 de abril de 1985: "A meu ver, devo ter começado a escrever *A dor* quando fomos às casas de repouso para deportados", ou seja, vários meses depois da volta de Robert Antelme.

4. "Desejo que você leia o que faço, dar-lhe, a você, escritos frescos, novos, de fresco desespero, aqueles de minha vida de agora. O resto, as coisas que estão largadas nos armários azuis do meu quarto, de qualquer modo, serão publicadas um dia, quer depois de minha morte, quer antes, se uma vez, de novo, faltar-me dinheiro." *Les Yeux verts*, "La Lettre", Paris: Petite bibliothèque des Cahiers du cinéma, 1996, p. 10.

força da narrativa.[5] *Encontram-se, assim, nos* Cadernos*, um frescor e um ritmo que lembram, de maneira perturbadora, os dos escritos mais tardios da autora. Assim se explica, por certo, a incredulidade que alguns manifestaram quando da publicação de* A dor*, e que tanto magoou Marguerite Duras*[6]*, a respeito da existência real desses "cadernos dos armários azuis".*

A essa espantosa modernidade estilística acrescenta-se o entrelaçamento patente da autobiografia e da ficção, característica do último estilo de Duras. Enquanto os romances que ela publica nas décadas de 1940-1950 continuam de uma feitura bastante clássica, onde o viés ficcional é manifesto, os Cadernos da guerra *revelam uma sensibilidade que apreende de imediato o íntimo através de um prisma literário. Esse entrelaçamento entre o real e o imaginário culmina com* O amante *[*L'Amant*] — e certamente não é por acaso que o romance que valeu à autora o reconhecimento do grande público mescla também, como estes* Cadernos*, a evocação da infância à da guerra. O parentesco estreito entre esses dois períodos está aí explícito: "Vejo a guerra sob as mesmas cores que a minha infância."*[7] *Nos rascunhos de* O amante*, essa filiação é ainda mais afirmada: "A guerra faz parte de minhas lembranças de infância. [...] Ela não está em seu lugar no tempo da minha vida, na minha memória. A infância transborda sobre a guerra. A guerra é um acontecimento que é preciso aguentar ao longo de toda a sua duração. Da mesma forma, a infância que aguenta o seu estado [...]."*[8]

5. Marguerite Duras evoca particularmente seu trabalho de reescrita na entrevista a Marianne Alphant: "O texto do livro não foi trabalhado: é lançado no papel para mais tarde escrevê-lo. E depois, veja, eu não o escrevi. O principal de meu trabalho para a publicação foi retirar, por exemplo, o que dizia respeito à religião, a Deus." *Libération*, 17 de abril de 1985.

6. Assim ela declara, notadamente, a Luce Perrot na entrevista "Au-delà des pages" ["Além das páginas"], realizada para [a rede televisiva] TF1 em 1988.

7. *L'Amant*, Paris: Éditions de Minuit, 1984, p. 78. [Ed. bras.: *O amante*, trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac&Naify, 2007.]

8. Manuscritos de *L'Amant. In:* Acervo Marguerite Duras/Imec.

Aos olhos de Marguerite Duras, portanto, o tempo da infância e o da guerra têm em comum o fato de imporem a experiência da submissão e levarem a uma revolta da qual a escrita se faz o instrumento. Pode-se entender, assim, que a evocação do passado, tanto nesses textos quanto no resto da obra, nunca seja guiada pela fascinação complacente que impregna certos escritos autobiográficos. O passado, longe de qualquer nostalgia, se enraíza, ao contrário, no presente mais atual, fazendo da infância da escritora "um tempo inesgotável, inaudito, que [lhe] parece nunca poder mensurar". Essa "infância ilimitada", conforme a bela expressão com que ela designa a atmosfera que reina em sua família, anima os Cadernos *em sua própria imperfeição, bem como dá fôlego aos livros publicados.*

É, pois, o reencontro com textos de uma atualidade e de uma força evidentes que inspirou esta edição. Os Cadernos da guerra*, nem simples rascunhos nem fragmentos esparsos, são uma expressão da obra no estado nascente; de maneira impactante, esta matriz dos escritos vindouros contém a arquitetura primitiva de todo o imaginário durassiano. Estes textos, que provocam no leitor familiarizado com a escritora um sentimento misto de descoberta e reconhecimento, constituem assim, incontestavelmente, uma iluminação essencial para a leitura da obra de Marguerite Duras.*

Uma vez adquirida essa certeza, permanecia a questão acerca da maneira de tornar acessíveis esses textos manuscritos, por vezes em pedaços ou difíceis de decifrar. Uma possibilidade, em primeira abordagem sedutora, consistia em apresentar a totalidade deles em fac-símiles, acompanhados de sua transcrição e de um aparato de notas adequado. Mas pareceu que essa opção podia desnaturar o texto sob vários aspectos: teria fetichizado o objeto-manuscrito em sua

materialidade, correndo o risco de concentrar a leitura na dimensão estética e visual dos cadernos, em detrimento do conteúdo. Além disso, as dimensões necessariamente imponentes de tal obra, e portanto seu custo, teriam de fato limitado seu público a uma assembleia restrita de especialistas e fiéis, ainda que o texto em si seja de uma grande limpidez. Pelo exame, impôs-se um protocolo editorial que privilegia a legibilidade; tratou-se de estabelecer o texto sem todavia torná-lo demasiado limpo, e sem fazer esquecer seu estatuto de documento de arquivo, de que dão testemunho dois cadernos de ilustrações.

A apresentação pela qual se optou orienta-se, pois, para uma leitura livre e contínua, ao mesmo tempo em que a tabela e o índice no fim do volume permitem aos que o desejarem estabelecer conexões entre os textos, a obra publicada e a biografia de Marguerite Duras.

Uma vez que esta edição descartou deliberadamente a apresentação de notas explicativas, o leitor poderá reportar-se aos trabalhos bibliográficos existentes para todos os esclarecimentos relativos aos nomes de pessoas e lugares e aos fatos evocados nestes textos. Podendo, aliás, o conjunto dos textos originais ser consultado no Imec, os especialistas poderão examinar de perto, se necessário, o trabalho de edição aqui apresentado.[9] *Resta dizer que, antes de tudo, procuramos respeitar o estatuto intermediário dos* Cadernos da guerra*, a meio caminho entre a obra acabada e o documento de arquivo; é nesse frágil ponto de equilíbrio que se mantém, aqui, a infância de uma obra.*

Sophie Bogaert e Olivier Corpet

9. Imec, Abbaye d'Ardenne, 14280 Saint-Germain-la-Blanche-Herbe, França. Para consulta, pode-se acessar www.imec-archives.com.

Nota sobre a transcrição

Sem outra ideia preconcebida senão a da fidelidade ao texto, a transcrição dos Cadernos da guerra *impôs a necessidade de fazer escolhas e adotar certas convenções.*

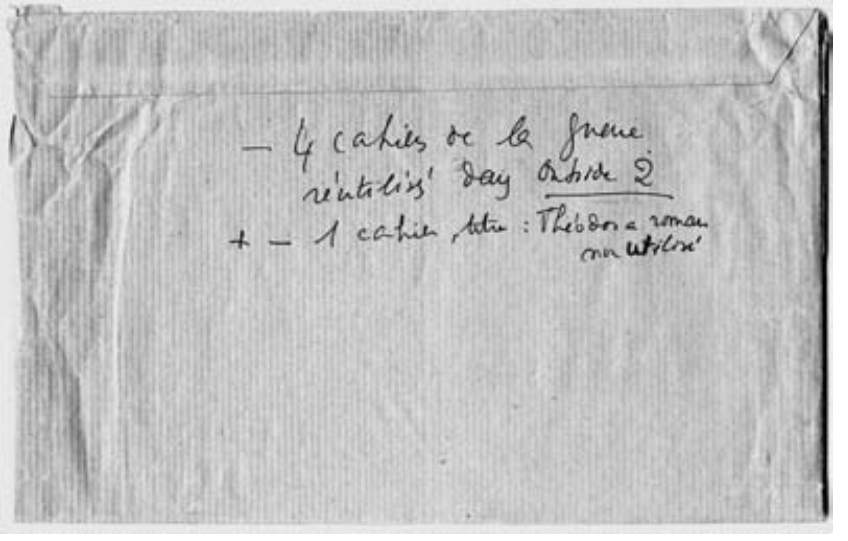
Os textos estão transcritos em sua continuidade, com exceção do quarto caderno, cujas folhas esparsas foram reunidas tematicamente; elas são também apresentadas em sua totalidade, com a exceção raríssima de alguns fragmentos demasiado breves ou ilegíveis que foram suprimidos. As frases inacabadas (que seguiam ou precediam uma página faltante, na maioria das vezes) foram igualmente descartadas.

Os colchetes indicam qualquer intervenção significativa de nossa parte, ou seja: quando a palavra estava ilegível, quando era incerta, ou quando era sintaticamente necessária e manifestamente esquecida pela autora.

Por preocupação com a legibilidade, escolhemos, enfim, suprimir as rasuras e optar, quando era o caso, pela correção de Marguerite Duras que parecia ser a última (as únicas palavras rasuradas que foram conservadas são aquelas que não tinham sido substituídas e continuavam indispensáveis ao sentido). A pontuação foi muito ligeira e ocasionalmente modificada: em especial, nas frases mais longas, vírgulas foram acrescentadas, e aspas ou travessões de diálogo quando de fato faziam falta. Algumas passagens particularmente compactas foram arejadas

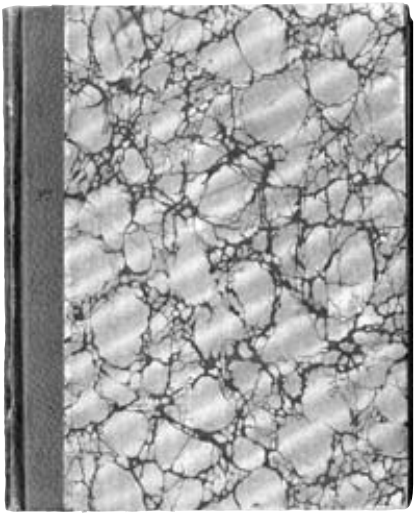
por quebras de parágrafo. Finalmente, os erros de ortografia foram corrigidos (concordâncias, correlação de tempos, etc.).

CADERNOS DA GUERRA



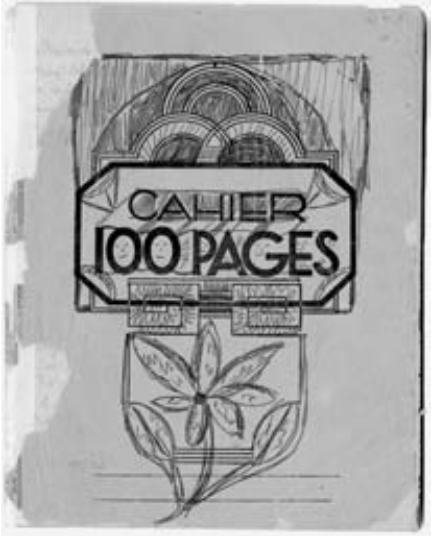
Acervo Marguerite Duras/Imec

Envelope que continha os quatro "cadernos da guerra"
e o caderno intitulado "Théodora, romance" (ver p. 141)



Acervo Marguerite Duras/Imec

Acervo Marguerite Duras/Imec

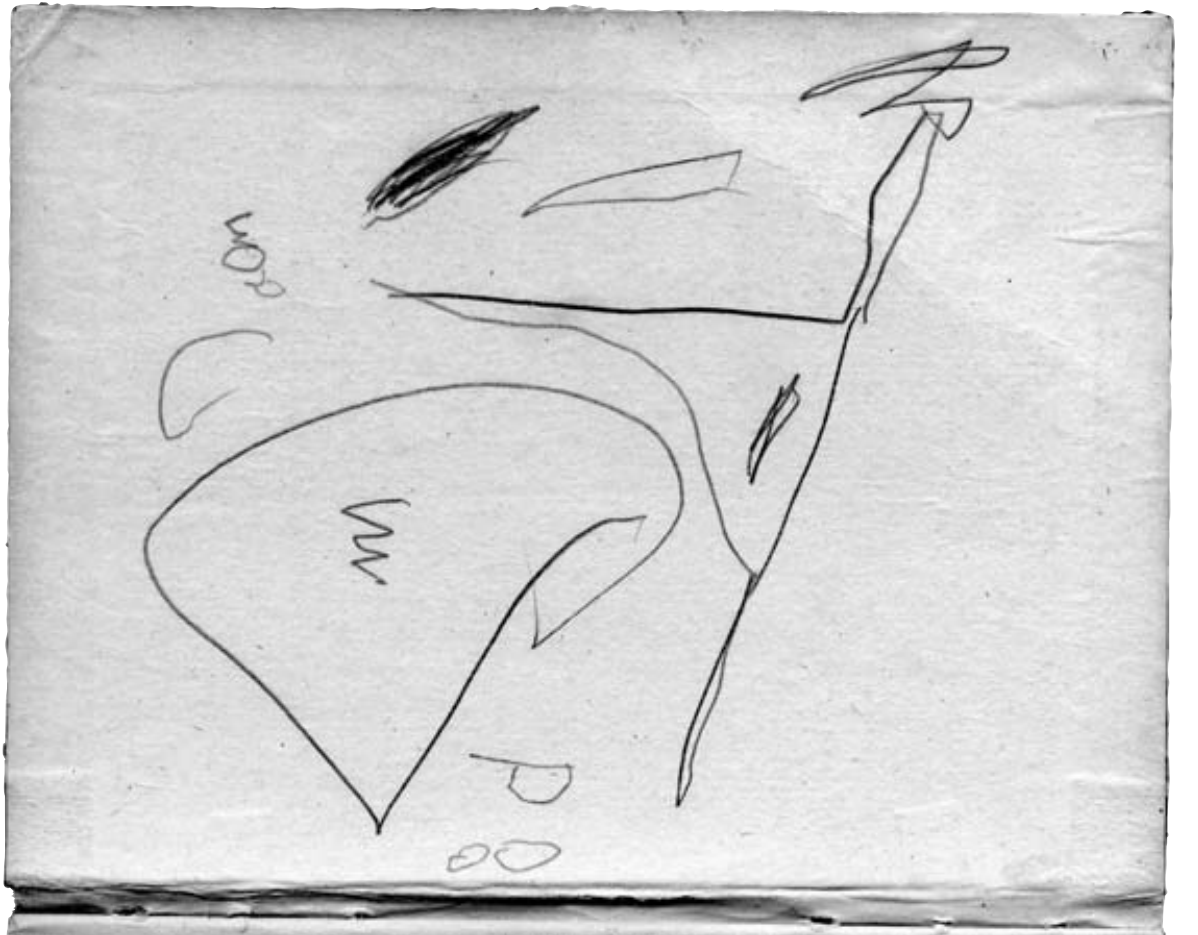


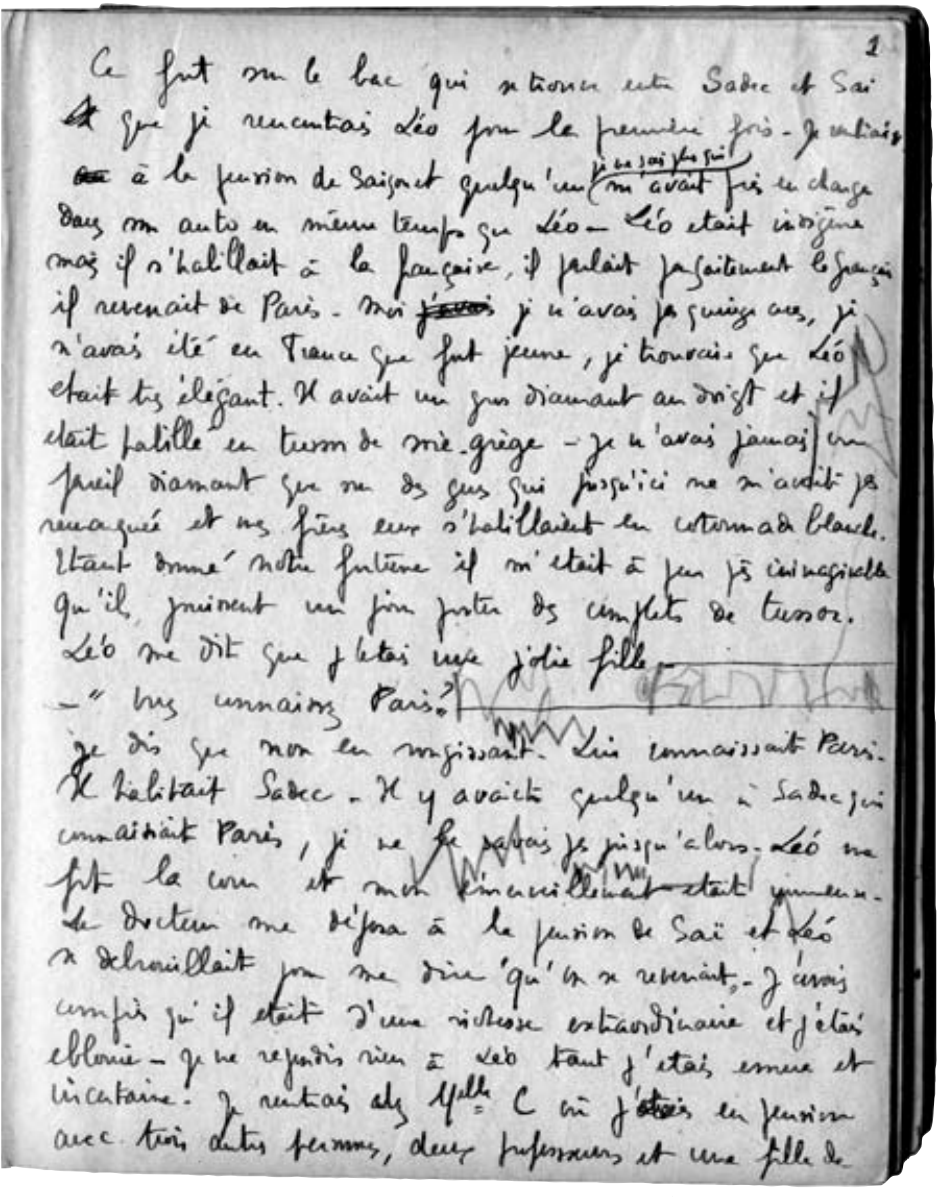
Acervo Marguerite Duras/Imec

Acervo Marguerite Duras/Imec

Capas dos quatro "cadernos da guerra"

Acervo Marguerite Duras/Imec

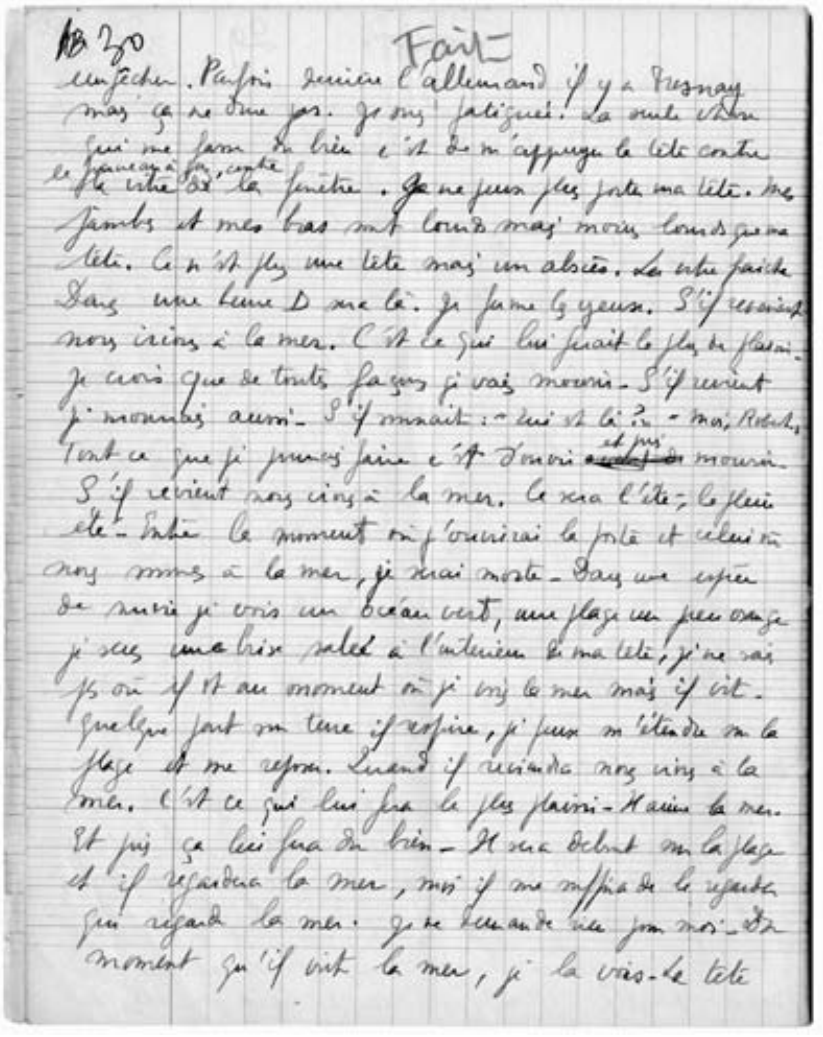




1

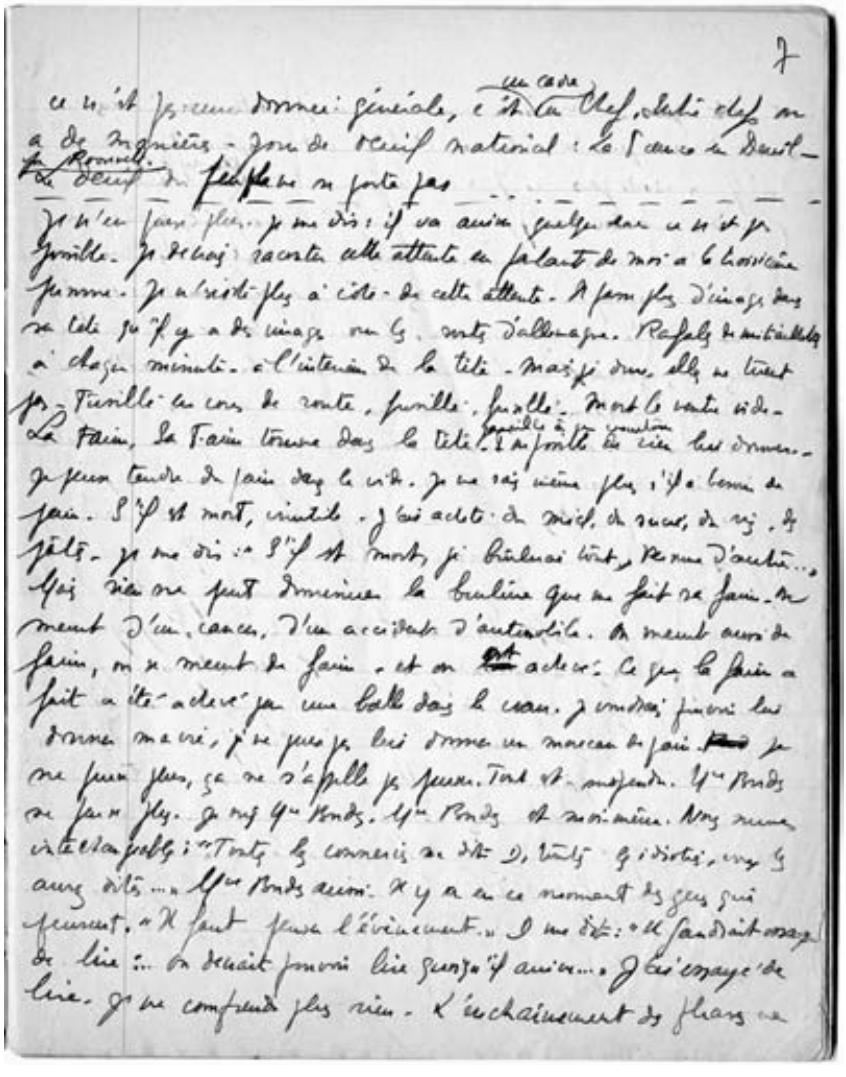
Ce fut sur le bac qui se trouve entre Sadec et Saï
que je rencontrais Léo pour la première fois. Je rentrais
à la pension de Saïgon et quelqu'un je ne sais plus qui m'avait pris en charge
dans son auto en même temps que Léo. Léo était indigène
mais il s'habillait à la française, il parlait parfaitement le français
il revenait de Paris. Moi je n'avais pas quinze ans, je
n'avais été en France que fort jeune, je trouvais que Léo
était très élégant. Il avait un gros diamant au doigt et il
était habillé en tussor de soie-grège. Je n'avais jamais vu
pareil diamant que sur des gens qui jusqu'ici ne m'avaient pas
remarquée et mes frères eux s'habillaient en cotonnade blanche.
Etant donné notre fortune il m'était à peu près inimaginable
qu'ils puissent un jour porter des complets de tussor.
Léo me dit que j'étais une jolie fille.
— "Vous connaissez Paris?"
Je dis que non en rougissant. Lui connaissait Paris.
Il habitait Sadec. Il y avait quelqu'un à Sadec qui
connaissait Paris, je ne le savais pas jusqu'alors. Léo me
fit la cour et mon émerveillement était immense.
Le docteur me déposa à la pension de Saï et Léo
se débrouillait pour me dire qu'on se reverrait. J'avais
compris qu'il était d'une richesse extraordinaire et j'étais
éblouie. Je ne répondis rien à Léo tant j'étais émue et
incertaine. Je rentrais chez Mlle C où j'étais en pension
avec trois autres personnes, deux professeurs et une fille de

Segunda capa e primeira página do "Caderno rosa marmorizado" (pp. 33-34). À esquerda, um desenho de criança, provavelmente de Jean Mascolo, filho de Marguerite Duras



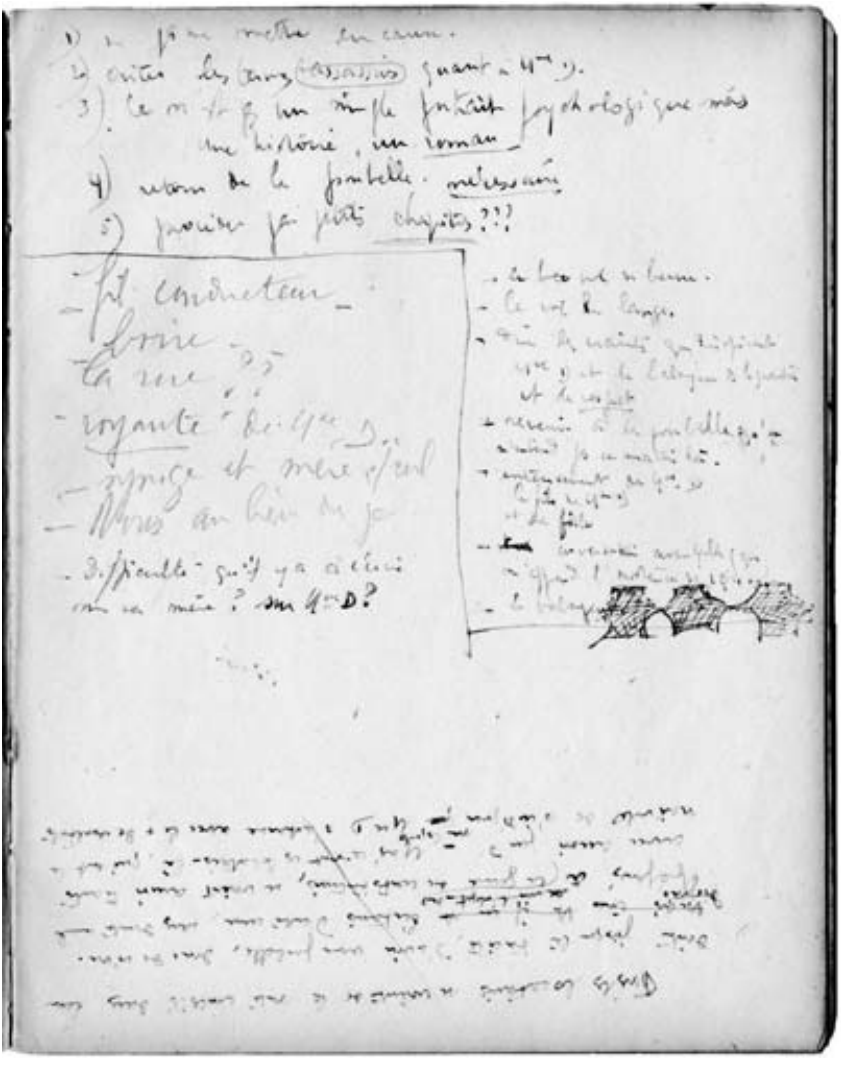
Acervo Marguerite Duras/Imec

Página do "Caderno Presses du XXe siècle" (p. 176)



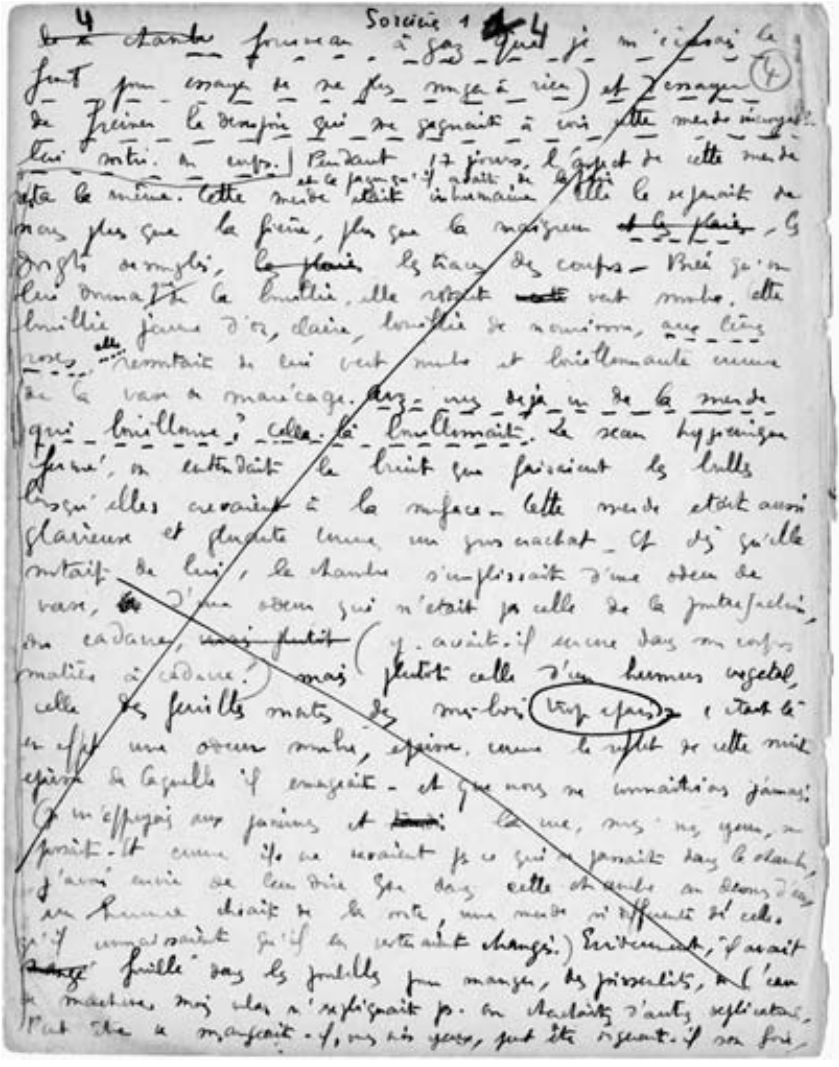
Página do "Caderno de cem páginas" (p. 188)

Acervo Marguerite Duras/Imec



Acervo Marguerite Duras/Imec

Página do "Caderno bege" (pp. 283-284)



Acervo Marguerite Duras/Imec

Página do "Caderno bege" (pp. 247-248), reproduzida na revista *Sorcières* em 1976, como indica a anotação na margem superior

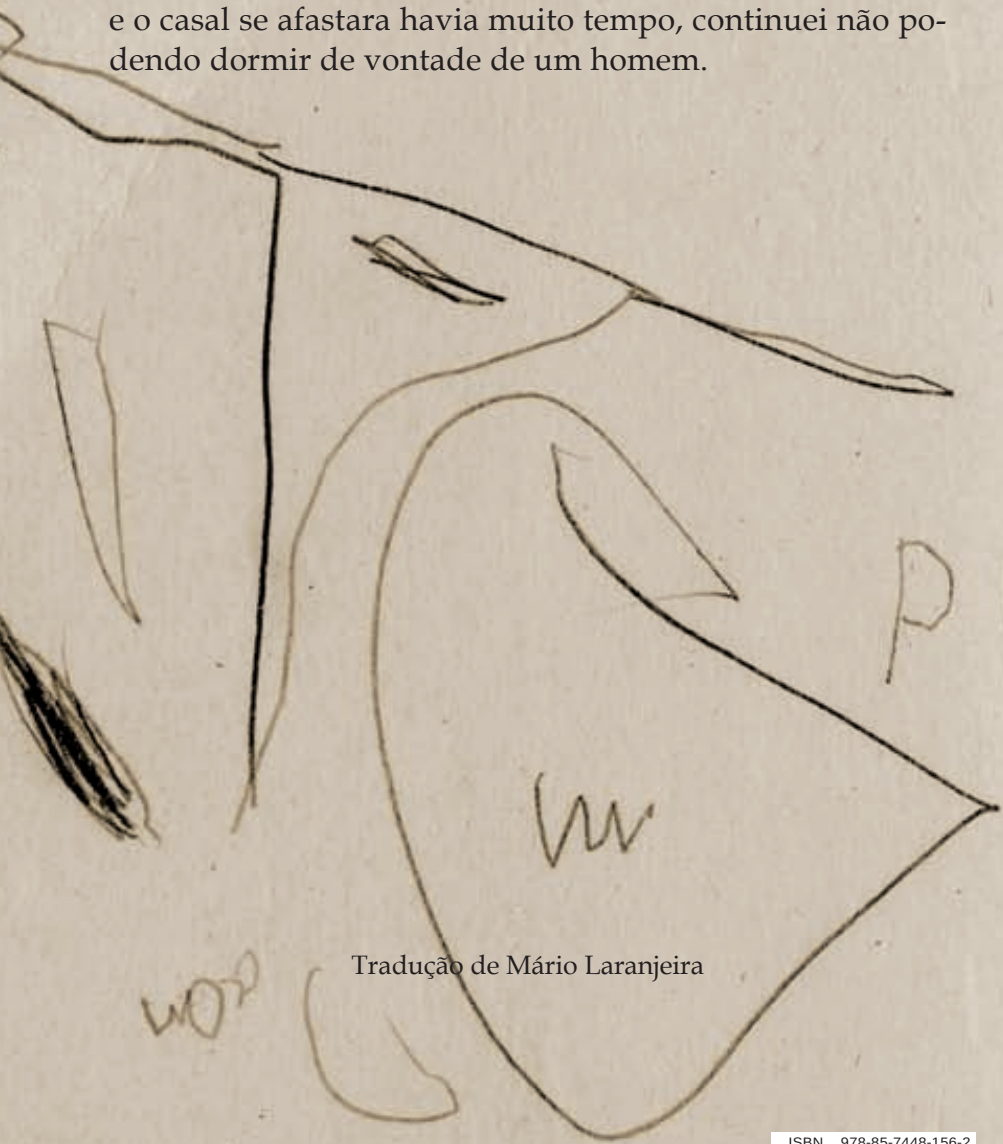
Caderno rosa marmorizado

O primeiro dos Cadernos da guerra*, batizado de "Caderno rosa marmorizado", é o mais longo dos quatro. Esse caderno com capa de papelão grosso contém 123 folhas, das quais cerca de quinze estão cheias de desenhos de criança (provavelmente acrescentados mais tarde pelo filho de Marguerite Duras, Jean Mascolo, nascido a 30 de junho de 1947).*

As referências cronológicas do texto indicam que Marguerite Duras começou a redigi-lo no decorrer do ano de 1943. As setenta primeiras páginas estão ocupadas por uma longa narrativa autobiográfica, centrada em acontecimentos da infância e da adolescência da autora na Indochina (principalmente a primeira versão conhecida de sua relação com aquele que se tornará "o Amante"). Pouco rasurada e com uma caligrafia regular, essa longa passagem parece ter sido escrita de maneira bastante contínua. Embora o texto aluda, às vezes, às reações de um potencial leitor, evocado por um impessoal "a gente", as únicas motivações explícitas da escrita são pessoais: "Nenhuma outra razão me faz escrever [essas lembranças], senão este instinto de desterramento. É muito simples. Se eu não as escrever, vou esquecê-las pouco a pouco" (p. 73). Alguns episódios, entretanto, serão encontrados sob uma forma ligeiramente modificada, em obras publicadas (a novela Le boa*, e sobretudo em* Barragem contra o Pacífico*).*

A parte seguinte do caderno está mais rasurada e mais fragmentada. Contém diversos trechos de Barragem contra o Pacífico

No coração da noite vazia, naquele ponto de junção das duas vertentes da noite, aquela canção se erguia: era uma flor vermelha que de repente saía da noite de pedra. Canção contra a morte, de fazer você mover montanhas. Toda minha carne pôs-se a gritar e tive vontade de um homem, e o casal se afastara havia muito tempo, continuei não podendo dormir de vontade de um homem.



Tradução de Mário Laranjeira

ISBN 978-85-7448-156-2

França.Br